A PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO PARA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Regiane Morais de Souza [1]
Ariceneide Oliveira[2]

RESUMO: esse artigo intitulado "A proposta de ensino de literatura no livro didático para a 2ª série do Ensino Médio" tem papel fundamental na formação do indivíduo. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo analisar o livro didático do segundo ano do Ensino Médio das escolas estaduais do Município de Humaitá-AM e verificar de que forma é proposto o ensino de literatura em sala de aula. Para se atingir o objeto, o trabalho se propõe a fazer uma pesquisa bibliográfica com a colaboração de discussões a partir de alguns teóricos que tratam especificamente do tema em pauta. A pesquisa chegou à conclusão de que o livro didático não proporciona de forma eficaz o ensino de literatura e não dá possibilidades para os alunos participarem de forma mais ativa do processo de aprendizagem da literatura. O livro, apesar de ser apenas um instrumento pedagógico na prática do professor, deve proporcionar ações e subsídios que possam orientar e proporcionar ao aluno o letramento literário. Os teóricos que embasaram essa discussão são: Cosson (2017), Carvalho (2015), Ernani Terra (2014), Dalvi (2013), Guimarães e Batista (2012), Zilberman (2010), Eagleton (2006), Candido (2006), PCN (2006), Cereja (2005), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino. Ensino Médio. Leitura literária. Literatura. Livro Didático.

ABSTRACT: This article entitled "The proposal of teaching literature in the textbook for the second year of high school" has a fundamental role in the formation of the individual. In this sense, the article aims to analyze the textbook of the second year of High School of the state schools of the Municipality of Humaitá-AM and verify how it is proposed the teaching of literature in the classroom. In order to reach the object, the work proposes to make a bibliographical research with the collaboration of discussions from some theorists who deal specifically with the theme at hand. The research came to the conclusion that the textbook does not effectively provide the teaching of literature and does not provide possibilities for students to participate more actively in the process of learning the literature. The book, although only a pedagogical instrument in the teacher's practice, should provide actions and subsidies that can guide and provide the student literary literacy. The theorists who supported this discussion are: Cosson (2017), Carvalho (2015), Ernani Terra (2014), Dalvi (2013), Guimarães and Batista (2012), Zilberman (2010), Eagleton , PCN (2006), Cherry (2005), among others.

Keywords: Teaching. High school. Literary reading. Literature. Textbook.

1 INTRODUÇÃO

A literatura é de suma importância para o desenvolvimento intelectual e crítico do cidadão, uma vez que para que desenvolve sua competência linguística, tornando-o mais crítico e argumentativo, ao se tornar um condutor de conhecimento.

O ensino de tal disciplina nas escolas deve propiciar ao aluno a ampliação de visão de mundo e de sua relação com ele. Por isso, as práticas devem ser dinamizadas de forma a indagar, questionar, incitar, levar o aluno a ter autonomia em sua aprendizagem.

---

[1] Discente do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM.
[2] Docente do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM e orientadora do TCC.

Os textos literários, um dos principais objetos do ensino literário, não são apenas narrativas ficcionais desagregadas de determinado contexto histórico ou da vida da sociedade, já que mostram vários aspectos sociais e culturais dos povos e de gerações.

Nesse intento, o trabalho tem como objetivo analisar o livro didático do segundo ano do Ensino Médio das escolas estaduais do Município de Humaitá-AM, e de que forma é proposto o ensino de literatura em sala de aula. Tal objetivo os encaminhará para discussões sobre determinadas temáticas a saber: literatura: algumas concepções, pautando alguns conceitos do que seja literatura; leitura literária, escola e o processo de formação do leitor, percebendo como esses elementos estão entrelaçados no ensino e na aprendizagem; o ensino de literatura a partir do livro didático do ensino médio, ao discutir a importância do livro didático como objeto de ensino da literatura; e por último, a proposta de ensino de literatura no livro didático para a 2ª série do Ensino Médio, ao fazer uma análise das ferramentas que são oferecidas a partir do livro didático para tal ensino.

Dessa forma, nos valemos de uma metodologia bibliográfica, apoiando as discussões nos seguintes teóricos: Cosson (2017), Carvalho (2015), Ernani Terra (2014), Dalvi (2013), Guimarães e Batista (2012), Zilberman (2010), Eagleton (2006), Candido (2006), PCN (2006), Cereja (2005), dentre outros.

2 LITERATURA: ALGUMAS CONCEPÇÕES

A literatura faz parte da vida do ser humano desde a antiguidade, no entanto, com o passar dos anos seu conceito e a forma como foi sendo utilizado sofreu modificações.

São os mais diversos julgamentos advindos dos estudos literários ao falar sobre a literatura, eles têm como um dos principais instrumentos direcional, o texto literário. Muitas discussões ao longo do tempo têm envolvido de forma direta o que pode ou não ser considerado literatura. Logo, com a literatura pós-colonial e com os estudos culturais em voga, os direcionamentos modificaram-se, pois amplia-se os instrumentos de estudos e análises para aqueles que acreditam que ela era apenas a obra literária em si.

Ao procurarmos o significado da palavra literatura, Moisés (1965, p. 15) reflete a partir do seguinte comentário:

> A palavra “Literatura” deriva do Latim l*itteratura*, que por sua vez se origina de *littera*, e significa o ensino das primeiras letras, o ensino primário, da escrita e das letras. Com o tempo, a palavra ganhou melhor sentido e passou a significar arte das belas letras ou simplesmente arte literária. Como se observa, desde a sua origem a Literatura esteve condicionada à letra escrita e depois impressa.

Desde o “nascimento”, a arte literária esteve ligada às letras e restringia-se somente a ela, não havia um olhar mais ampliado sobre os possíveis significados, reflexões e leituras. Muitos filósofos, críticos e historiadores sempre procuraram conceituar tal palavra, entretanto, apesar de tais esforços o problema ainda persiste, pois o que se pode destacar nesse processo é o conceito da palavra e não definição, pois ela não se fecha sobre determinado aspecto.

Dessa forma, torna-se necessário manifestar e estabelecer a relação vivente entre literatura, história e sociedade, assim como o seu sentido implícito que se faz presente na literatura. Candido (2006, p. 27) diz que:

> Do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é, um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar, tanto quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista.

O estudo literário, ou melhor, a discussão sobre o conceito do que é literatura ou não é, ainda é muito arbitrário, pois há muitos críticos literários ainda se apoiando em uma ideia tradicionalista, ou seja, que a literatura é somente formada por obras específicas, ou seja, aquelas que fazem parte do cânone, do qual fazem parte os grandes escritores conhecidos mundialmente.

Nesse caso, se existe teoria literária, existe literatura, na qual ela se embasa e se apoia. Segundo Eagleton (2006, p. 1) ao comentar sobre o que é literatura diz:

> Muitos têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede.

Tal definição não parece tão plausível, pelo fato de que a mesma seja questionável. Entretanto, segundo o mesmo autor sugere, é necessário se realizar uma abordagem diferente, ou seguir procedimentos diferenciados, haja vista que a literatura não pode ser definida não pelo fator ficcional e imaginativo, mas por ter uma linguagem individual, ou seja, peculiar.

A partir dos conceitos supracitados pelos autores é importante lembrar que a literatura faz parte da humanidade há muito tempo, temos como exemplo os mitos cosmogônicos. Para Cosson (2017, p. 11) essas são histórias “[...] que relatavam como surgiu o mundo, como nasceu o primeiro homem e como ele recebeu o castigo da morte ofereciam identidade grupal, assinalavam normas comportamentais, garantiam transcendência e, acima de tudo, davam sentido à vida”. Os mitos e outras formas de relatos colaboraram para a expansão da literatura nas suas mais variadas

manifestações, com isso se gerou inicialmente uma gama de gêneros orais e posteriormente os escritos.

2.1 Leitura literária, escola e o processo de formação do leitor

Apesar de muitos autores falarem da importância da literatura e também compreendermos que a sua leitura contribui para a formação do sujeito, ela ainda não tem ganhado espaço necessário na sociedade e na vida cotidiana das pessoas. Cosson (2017, p. 11) comenta que:

> Segundo os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante realizada em 2007. Computados os livros por inteiro, o número de livros cai para 2,1. A razão maior para essa diminuição do espaço ocupado pelo livro na vida das pessoas é a falta de tempo, que, como se sabe, é uma forma gentil de indicar desinteresse pela atividade. Aliás, o desinteresse atinge 78% das pessoas que declaram estar lendo menos do que no passado.

Percebemos a falta de uma cultura de leitura em decorrência de vários fatores, dentre eles, o não contato com a obra impressa, a falta de incentivo tanto no seio familiar quanto no ambiente escolar, a distração em outros meios comunicativos como a TV, etc. Dentro dessa realidade, a literatura fica à margem, necessita ser entendida no ambiente escolar e na vida das pessoas como instrumento de transformação pessoal e coletiva.

Partindo dos pressupostos colocados, anteriormente, é preciso pensarmos no texto literário, porém, antes disso, temos de colocar em pauta a importância da leitura mediante esse processo, já que o ato de ler é a atividade constante da produção de sentidos. Compreendemos que a linguagem é a ferramenta de ligação entre o homem e a realidade que o circunda e agregados a esse elo estão os aspectos sociais, culturais, históricos e ideológicos.

Nesse sentido, a linguagem verbal é uma das formas que possibilita essa ligação entre ambos e ligado a essa possibilidade está a leitura. Ela possibilita que o ser social saiba lidar com os diferentes graus de interação com aqueles que integram a sociedade, ou seja, a partir do texto e do conhecimento de mundo do leitor ocorre o processo interacional, a troca de conhecimentos.

Dentro dessa reflexão Guimarães e Batista (2012, p. 17) comentam que “[...] a leitura é um dos modos de interação verbal, no sentido de que o ato de ler abre portas para a compreensão e interpretação das atividades simbólicas caracterizadas dos mais variados tipos de contato social”. Logo, podemos dizer que a interação verbal tem como fundamento o texto, compreendido aqui como uma unidade de comunicação e de significados, construído por elementos que a língua oferece e aspectos textuais.

As atividades de leitura devem estimular a formação do leitor crítico. Assim, as aulas de literatura, que é o conteúdo em discussão, devem estimular e propiciar ferramentas para a construção de um leitor consciente, cooperativo e produtivo. Não é mais "aceitável" um indivíduo receptor de ideias, passível as colocações e mero decodificador dos sinais linguísticos. Corrobora Cosson (2017, p. 50):

> A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos.

Entretanto, o texto literário é uma obra composta pela complexidade, intenções, produções de sentidos, que além da referencialidade coloca em jogo o uso da linguagem. A leitura da literatura proporciona várias vantagens e, principalmente, a reflexão no ato de ler. Temos então a palavra como a matéria significante da literatura, logo, a linguagem é que a compõe.

A leitura literária nos proporciona uma experiência única com o mundo das palavras, ela é formativa, pois nos forma como sujeitos participantes e atuantes do meio que nos rodeia. O texto literário, nesse caso, assume papel fundamental, visto que ele é um espaço de diversos significados, multifacetado e complexo, por isso requer do leitor uma participação ativa, comenta Guimarães e Batista (2012, p. 21):

> Os textos literários situam-se entre conotação e denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação mais ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo da verossimilhança literária. A entrada nesse universo implica diretamente uma participação de outra natureza, uma vez que a fruição artística, via literatura e suas manifestações, pode provocar transformações no leitor, que se reconhecerá num universo de imaginação e recriação a partir do real e de sua transformação em material literário.

A partir dessa citação podemos entender que o texto literário é carregado de uma grande materialidade de linguagem que vai além da referencialidade. Isso se dá pelo fato de a literatura está situada em determinado complexo histórico-social, no qual pode ser reformulado e recriado continuamente, seja pelo autor, seja pelo leitor, a partir de diferente vieses histórico e social.

Sendo a literatura o diálogo recíproco, questionativo, duvidoso, reflexivo e informativo entre autores e leitores, é preciso se pensar como a escola e professores estão utilizando o texto

literário em sala de aula, quais os aspectos metodológicos aplicados para o ensino de literatura. Ao pensar nesses aspectos, destaca Rouxel (2013, p. 20):

> Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui. E também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra.

É a partir desse pensamento que deve ser pensado o ensino de literatura, pois ela é ferramenta contributiva para a vivência de experiências únicas e ampliação da visão sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. Todavia, a escola, apesar de ser um espaço de formação e de emancipação do sujeito e como promotora do conhecimento, na maioria das vezes, não se compromete de forma direta e afinca na promoção da literatura, tal qual viemos discutindo ao longo desse texto.

Ao pensar na leitura literária, nas possibilidades que uma obra pode proporcionar em relação ao conhecimento, na não fragmentação de textos ou simplesmente o excessivo estudo dos movimentos literários, é que se fundamenta a possiblidade de existência de prática literária no âmbito escolar. Porém, ressalta Dalvi (2013, p. 77):

> Partimos do princípio de que a literatura, do modo como estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e humorada, à paródia, à contextualização individual e histórica, com manejo dos recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais –, inserida no mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo de julgamentos), nunca esteve no centro da educação escolar.

É direcionado nesses pressupostos que precisamos colocar em pauta de como está ocorrendo o ensino de literatura nos contextos escolares. Se os professores têm buscado metodologias que colaborem na leitura literária significativa e se o livro didático enquanto instrumento pedagógico contribui para esse processo. Além disso, cabe o questionamento, a escola tem sido um espaço de ampliação do conhecimento do mundo literário, de suas possibilidades, de sua ligação com a vida, com a história e o contexto sociocultural?

2.2 O ensino de literatura a partir do livro didático do Ensino Médio

O ensino de literatura tem tomado diversos direcionamentos ao se tratar de sua prática, pois com o passar dos séculos as práticas de ensino foram tomando rumos diferentes, ao colocar a

realidade do aluno como ferramenta de reflexão para que se trabalhe determinada concepção metodológica. Entrementes, os recursos pedagógicos constituem-se como elementos auxiliares para a condução desse processo. O livro didático é um grande contribuidor e auxilia o professor na aplicabilidade do conteúdo para as diversas séries.

Ao pensarmos historicamente sobre o livro didático condizente na parte do ocidente, ele é considerado um dos mais antigos gêneros literários. Segundo Zilberman (2010, p. 169-170):

> Se as primeiras manifestações artísticas expressas pela palavra remontam aos versos de Homero (século VIII a.C.), responsáveis, respectivamente, por epopeias como a *Ilíada* e a *Teogonia*, datadas dos séculos VIII e VII a.C., já no século IV a.C. apareceu a *Retórica para Alexandre*, considerado "provavelmente um livro didático mais típico [que o de Aristóteles] dessa época, redigido, segundo se especula, por Anaxímenes de Lampsaco (século IV a.C.).

Percebemos que o livro didático se faz presente desde muito tempo atrás e que ele antigamente era visto como um documento, confundido muitas vezes com manuais de retórica. Nele predominava o conhecimento de língua e literatura, com o intuito de melhorar e aperfeiçoar a expressividade pessoal.

Por vários séculos, os livros didáticos utilizados pelos estudantes priorizavam o estudo voltado para o aperfeiçoamento da linguagem verbal. Na tradição literária agregava-se as disciplinas de gramática e retórica. Dessa forma, o livro didático constituía-se por uma natureza literária, comenta Zilberman (2010, p. 171-172):

> Os fatores de ordem histórica explicam por que o livro didático constitui um gênero que assume natureza literária: ele lida basicamente com o mundo das letras. Assim, embora não se exija do livro didático as qualidades que caracterizam o poético - que pode equivaler, conforme a orientação adotada entre as correntes teóricas existentes, à determinada maneira de representar a natureza ou a sociedade, à manifestação da genialidade e originalidade do artista, ou ainda a um certo modo de lidar com a linguagem -, ele engloba a tradição literária e atua como seu portador mais credenciado.

Entendemos a partir da fala acima que o livro didático se constitui como peça instrumentalizadora contribuinte na representação da natureza e da sociedade. Dessa forma, ele era um suporte teórico e histórico também para trabalhar a formação humana, mesmo que ainda delimitada e específica.

Não adentraremos detalhadamente de forma a pontuar as transformações de como o livro didático foi manuseado, isto é, para que servia e como servia nos mais variados contextos, porém vale destacar que os livros didáticos, em específico o de literatura que circulam atualmente são produzidos a partir das feições que ganharam entre as décadas de 1960 e 1970. Foi nesse tempo

“[...] que se consolidou um perfil diferente de material didático no mercado escolar brasileiro, no caso, o manual didático” (CEREJA, 2005, p. 57). Até o momento as obras referenciais eram as mais utilizadas nas aulas de Português como aporte didático acompanhadas da gramática e de manuais.

Dentro desse contexto, o ensino sofre com a grande influência dos livros didáticos, e a literatura no ensino médio não diferente sofre com as reformas e passa por transformações. Com a reforma do ensino, as cargas horárias são reduzidas, dando lugar a outras disciplinas profissionalizantes.

Diante de tal quadro o que se percebeu é que o tratamento ao ensino de literatura sempre fora reduzido as simplificações, ao básico, na maioria das vezes direcionados por um programa educacional que se preocupa com o que os programas de vestibulares e concursos exigem. Os manuais didáticos seguiram os mesmos moldes, sendo construídos num amontoado que inclui gramática, exercícios, questionários, interpretações textuais já com perguntas direcionadas, dentre outros. Corrobora Cereja (2005, p. 61) ao dizer que:

> Assim, os manuais de literatura, esquemáticos e apoiados em pressupostos da pedagogia transmissiva, com forte tendência à memorização, tendem a satisfazer uma realidade de ensino de literatura que conta com os professores sobrecarregados e mal preparados, além de alunos com perfil semelhante, uma vez que muitos deles são estudantes de curso noturno e dispõe de pouco tempo e poucos recursos para a leitura.

Apesar do livro didático ser um instrumento pedagógico de fundamental apoio para o professor, seu conteúdo se encontra de forma reducionistas, trazendo conteúdos fragmentados reduzidos às questões gramaticais, interpretações textuais, e estruturado na memorização dos movimentos literários, não que não sejam importantes, todavia com o intuito de se cumprir um programa focalizado nos vestibulares e sem preocupação na formação crítica, analítica e ampliação do conhecimento do aluno.

3 A PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO PARA A 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

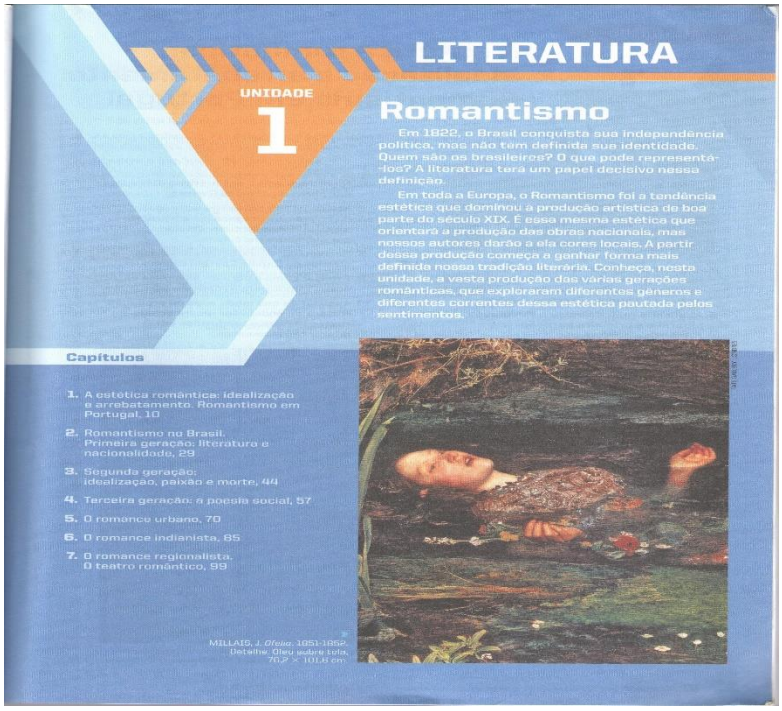
Como já suscitado nas discussões anteriores, o livro didático é um instrumento pedagógica importante para orientar o professor em sua prática, não queremos dizer que ele é uma orientação limitada e inacabada, mas que contribui para o direcionamento do ensino, em destaque o de Literatura que é o que está em pauta de reflexão. Assim, o objeto desse tópico é analisar o conteúdo

programático do ensino de literatura presente no livro didático do segundo ano do Ensino Médio das escolas estaduais do município de Humaitá e de como é direcionado esse ensino.

A coleção a ser analisada é “Português: contexto, interlocução e sentido”, 2ª edição, elaborado pelas autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. Vale destacar, inicialmente, que o livro didático vem dividido em três blocos, o primeiro bloco que vai da página 10 a 188 temos os conteúdos voltados para à Literatura, da página 190 a 352 voltado para a Gramática e da página 354 a 398 o ensino voltado para a produção de texto.

Ao que se refere a parte da Literatura, o livro discute 11 capítulos. O primeiro capítulo coloca em pauta o Romantismo com o tema principal “A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal”. O capítulo inicia com uma pequena introdução sobre o surgimento do Romantismo e uma imagem de John Everett Millais “Ofélia”.

Figura 1.



LITERATURA

UNIDADE 1

Romantismo

Em 1822, o Brasil conquista sua independência política, mas não tem definida sua identidade. Quem são os brasileiros? O que pode representá-los? A literatura terá um papel decisivo nessa definição.

Em toda a Europa, o Romantismo foi a tendência estética que dominou a produção artística de boa parte do século XIX. É essa mesma estética que orientará a produção das obras nacionais, mas nossos autores darão a ela cores locais. A partir dessa produção começa a ganhar forma mais definida nossa tradição literária. Conheça, nesta unidade, a vasta produção das várias gerações românticas, que exploraram diferentes gêneros e diferentes correntes dessa estética pautada pelos sentimentos.

Capítulos

1. A estética romântica: idealização e arrebatamento. Romantismo em Portugal, 10
2. Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade, 29
3. Segunda geração: idealização, paixão e morte, 44
4. Terceira geração: a poesia social, 57
5. O romance urbano, 70
6. O romance indianista, 85
7. O romance regionalista. O teatro romântico, 99

MILLAIS, J. *Ofélia*. 1851-1852. Detalhe. Óleo sobre tela. 76,2 × 101,6 cm

Fonte: (LUIZA ABAURRE; BERNADETE ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 9).

É importante que o professor faça uma introdução do movimento que antecedeu o Romantismo, pois necessita-se dessa rememoração histórica, já que o que antecede colabora de certa forma para o surgimento do movimento posterior. Outra questão que poderia ser feita ainda é o lançamento de questionamento para os alunos sobre a imagem e indagá-los sobre tal, pois não basta lançar determinada imagem sem pelo menos pensar em suas possibilidades de reflexão.

Sendo uma pintura concluída entre 1851 a 1852, tem-se a representação de Ofélia, uma personagem da peça *Hamlet*, escrita por Willian Shakespeare, que está cantando antes de sua morte, ela comete suicídio por afogamento em um rio na Dinamarca. São diversos os aspectos que poderiam ser apresentados para se fazer a introdução do Romantismo, haja visto que é um quadro representativo desde movimento. Dessa forma, percebemos as limitações de exposição de ideias e opiniões advindas dos alunos. Esse não é um dos papéis da leitura literária, pois "uma de suas marcas é sua condição limítrofe, que outros denominam transgressão, que garante ao participante do jogo da leitura literária o exercício da liberdade, e que pode levar a limites extremos as possibilidades da língua PCN (2006, p. 49).

Pensando a partir dessa concepção, a leitura literária possibilita ao aluno um grande processo de amadurecimento, visto que o seu convívio com temáticas, conteúdos, imagens, entre outros, caracterizados pelo exercício da liberdade, sem prender os alunos em estudos fragmentados e direcionados sem que tenham objetivos bem claros.

Na página seguinte são apresentados os objetivos do capítulo. Segundo as autoras Luiza Abaurre, Bernadete Abaurre e Pontara (2013, p. 10) os alunos deverão ser capazes de:

> 1. Compreender por que as revoluções burguesas desencadearam o movimento romântico;
> 2. Definir Romantismo e reconhecer as principias correntes românticas;
> 3. Analisar de que modo se articulam os agentes do discurso no período;
> 4. Explicar por que conceitos como idealização, nacionalismo, individualismo, sentimentalismo e fuga da realidade estão na base do projeto literário romântico;
> 5. Analisar a relação entre a Revolução Liberal e a primeira geração romântica portuguesa;
> 6. Identificar as características definidoras das obras de Almeida Garret;
> 7. Justificar a importância do resgaste do passado português para o projeto de nacionalidade desenvolvido por Alexandre Herculano;
> 8. Reconhecer as características das novelas de Camilo Castelo Branco;
> 9. Explicar como a obra de Júlio Dinis antecipa novos rumos para o romance português;
> 10. Analisar de que modo ecos da produção romântica podem ser reconhecidos em textos literários produzidos em diferentes momentos.

Percebemos que os objetivos se encontram bem organizados e destacam nomes importantes do movimento romancista como Almeida Garret, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis. Entretanto, no decorrer das temáticas os conteúdos são expostos de forma muito resumidas que acabam por apresentar apenas uma contextualização de fatos. Isso acaba causando no aluno um processo fadigoso, pois são informações em cima de outras sem devidas reflexões.

Os dez objetivos a serem alcançados se resumem em conteúdos que cabem em 9 laudas, e ao decorrer não são apresentados *links* para que os alunos possam aprofundar o conteúdo ou pesquisarem outras informações. A metodologia apresentada acaba por se findar em pequenos

processos informativos. O ensino da literatura não deve se limitar em repetições, até porque ela é um instrumento fundamental de humanização. Segundo Candido (1995, p. 249):

> Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

O estudo mecanizado da leitura, muitas vezes proporcionado pelos livros didáticos, sem incitar no aluno a curiosidade e à pesquisa, não colabora em seu amadurecimento e de sua posição diante do mundo e das situações que tem que enfrentar no cotidiano. A literatura, nesse caso, é ferramenta contributiva no amadurecimento do indivíduo enquanto ser social e participativo.

As atividades propostas no livro didático com questionamentos estão presentes somente nas partes de fragmentos retirados das obras sem que o aluno a conheça de forma integral, proporcionando ao mesmo um conhecimento fragmentado sobre o autor e sobre a própria obra. Outras atividades com perguntas encontram-se nas imagens, às quais são pinturas de determinados artistas, porém não há uma contextualização sobre a mesma. No decorrer do capítulo, o que se percebe são informações estilos, escolas literárias e acontecimentos históricos, não que não seja importante, mas é necessário proporcionar o letramento literário. Para os PCN (2006, p. 54) "[...] não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido".

O mesmo documento ressalta aquilo que os PCN (2002) já alertavam sobre os procedimentos de leitura que devem ir além da memorização de regras gramaticais e da memorização mecanizada dos movimentos literários. Deve-se proporcionar aos alunos instrumentos para a ampliação do conhecimento e articular a competência da leitura. Logo, "trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de "letrar" literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito PCN (2006, p. 54).

O segundo capítulo "Romantismo no Brasil. Primeira geração: literatura e nacionalidade", inicia-se com a apresentação dos objetivos e em seguida a exposição da pintura "Floresta virgem do Brasil", de Conde de Clarac. Os objetivos desse capítulo são, segundo as autoras Luiza Abaurre, Bernadete Abaurre e Pontara (2013, p. 10):

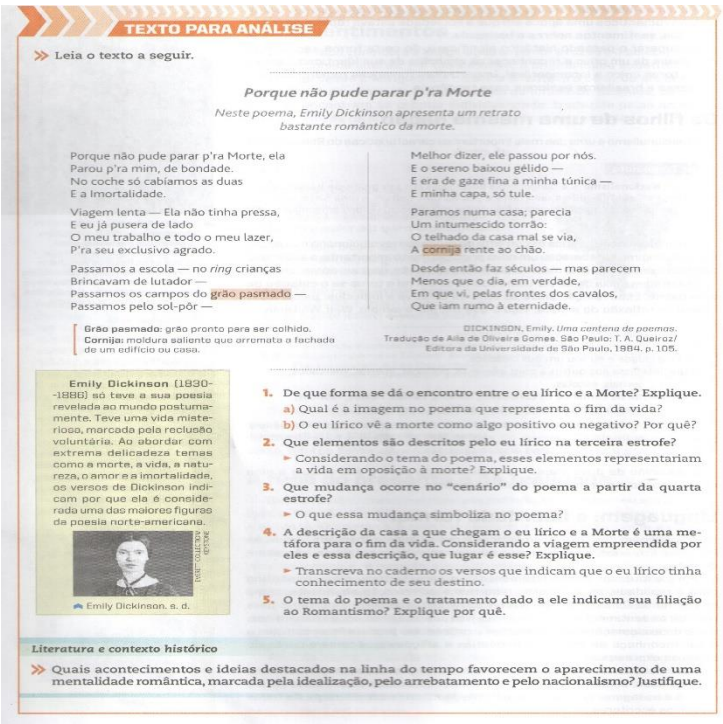
> 1. Compreender a relação entre a vinda da família real portuguesa para o Brasil, a declaração de Independência política e a primeira geração romântica brasileira;
> 2. Reconhecer de que modo os viajantes estrangeiros influenciaram a escolha dos símbolos literários da nossa identidade cultural;

3. Analisar de que modo se articularam os agentes do discurso no período e como essa articulação influenciou o projeto literário da primeira geração romântica;
4. Identificar os aspectos definidores da poesia indianista e da lírica amorosa de Gonçalves Dias;
5. Explicar por que o índio simboliza o encontro entre ideais românticos e o desejo de independência literária;
6. Analisar o diálogo entre a Canção do exílio de Gonçalves Dias e outras canções do exílio por ela inspiradas.

Os objetivos traçados assim como no primeiro capítulo demonstram o desejo de que o aluno ao finalizar as leituras das 7 laudas, que é no que se resumem o Romantismo no Brasil, esteja apto a compreender todo o processo ocorrido e as transformações desse período de possível desejo de independência literária.

As imagens apresentadas, textos e partes das obras se encontram de forma resumida e fragmentada, apresentando em alguns momentos questionamentos sobre imagens e sobre as partes retiradas das obras. Vejamos um exercício proposto a partir do poema de Emily Dickinson:

Figura 2.



TEXTO PARA ANÁLISE

Leia o texto a seguir.

Porque não pude parar p'ra Morte

Neste poema, Emily Dickinson apresenta um retrato bastante romântico da morte.

Porque não pude parar p'ra Morte, ela
Parou p'ra mim, de bondade.
No coche só cabíamos as duas
E a Imortalidade.

Viagem lenta — Ela não tinha pressa,
E eu já pusera de lado
O meu trabalho e todo o meu lazer,
P'ra seu exclusivo agrado.

Passamos a escola — no *ring* crianças
Brincavam de lutador —
Passamos os campos do grão pasmado —
Passamos pelo sol-pôr —

Melhor dizer, ele passou por nós.
E o sereno baixou gélido —
E era de gaze fina a minha túnica —
E minha capa, só tule.

Paramos numa casa; parecia
Um intumescido torrão:
O telhado da casa mal se via,
A cornija rente ao chão.

Desde então faz séculos — mas parecem
Menos que o dia, em verdade,
Em que vi, pelas frontes dos cavalos,
Que iam rumo à eternidade.

Grão pasmado: grão pronto para ser colhido.
Cornija: moldura saliente que arremata a fachada de um edifício ou casa.

DICKINSON, Emily. *Uma centena de poemas*. Tradução de Aila de Oliveira Gomes. São Paulo: T. A. Queiroz/ Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 105.

Emily Dickinson (1830-1886) só teve a sua poesia revelada ao mundo postumamente. Teve uma vida misteriosa, marcada pela reclusão voluntária. Ao abordar com extrema delicadeza temas como a morte, a vida, a natureza, o amor e a imortalidade, os versos de Dickinson indicam por que ela é considerada uma das maiores figuras da poesia norte-americana.

Emily Dickinson, s. d.

1. **De que forma se dá o encontro entre o eu lírico e a Morte? Explique.**
   a) Qual é a imagem no poema que representa o fim da vida?
   b) O eu lírico vê a morte como algo positivo ou negativo? Por quê?
2. **Que elementos são descritos pelo eu lírico na terceira estrofe?**
   ► Considerando o tema do poema, esses elementos representariam a vida em oposição à morte? Explique.
3. **Que mudança ocorre no "cenário" do poema a partir da quarta estrofe?**
   ► O que essa mudança simboliza no poema?
4. **A descrição da casa a que chegam o eu lírico e a Morte é uma metáfora para o fim da vida. Considerando a viagem empreendida por eles e essa descrição, que lugar é esse? Explique.**
   ► Transcreva no caderno os versos que indicam que o eu lírico tinha conhecimento de seu destino.
5. **O tema do poema e o tratamento dado a ele indicam sua filiação ao Romantismo? Explique por quê.**

Literatura e contexto histórico

Quais acontecimentos e ideias destacados na linha do tempo favorecem o aparecimento de uma mentalidade romântica, marcada pela idealização, pelo arrebatamento e pelo nacionalismo? Justifique.

Fonte: (LUIZA ABAURRE; BERNADETE ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 18).

O professor após fazer a leitura deve ir fazendo um trabalho detalhado com os alunos, pois tiveram um contato superficial com a literatura no primeiro ano do Ensino Médio, e a linguagem apresentada no poema ainda é complexa para eles compreenderem de forma mais ampla o que é solicitado nas questões. Há uma pequena colaboração no esclarecimento de significados de

palavras, mas isso não é suficiente. Até porque para a leitura do texto literário se requer estratégias, Ernani Terra (2014, p. 9) destaca que:

> Não importa o motivo pelo qual se lê um texto literário, o fato é que a leitura desse tipo de texto requer parte do leitor a ativação de estratégias específicas. Na leitura de um poema, por exemplo além do tema, que é algo presente em qualquer texto, há recursos como o ritmo, as rimas, a sonoridade das palavras, que dão à linguagem desse tipo de texto uma conformação especial [...].

Além disso, o poema é composto por uma gama de palavras que carregam vários significados. Na leitura de um conto ou romance não se requer somente a história narrada, pois eles vão muito além de fatos narrados, por isso a importância de conhecê-los de forma integral e não fragmentada.

Se os alunos não tiveram contato com obras mais complexas no primeiro ano acabarão tendo dificuldades no segundo. Outro aspecto a ser levado em conta é que os alunos só têm contato com obras literárias a partir do Ensino Médio, sendo que no Ensino Fundamental não há espaço para o ensino de literatura, a não ser que o professor coloque em sua programação anual a leitura de obras. Contribui Magnani (2001, p. 61):

> Em nosso sistema escolar, a literatura faz parte, oficialmente, do currículo de 2º grau (acaba sendo muitas vezes história da literatura...), e as quatro séries finais do 1º grau são marcadas por um caráter propedêutico, de preparação para o trabalho com a literatura. Nessa identificação quanto ao "aqui" e "agora" da aprendizagem, surgem as dúvidas dos professores de Língua Portuguesa. Não se questiona a necessidade de estímulo à leitura em todas as disciplinas do currículo, mas a grande responsabilidade nesse sentido é sempre repassada para a Língua Portuguesa. E é por extensão, no âmbito dessa disciplina que se encaixa o texto literário, ou, melhor dizendo, a utilização "literária" de determinados textos.

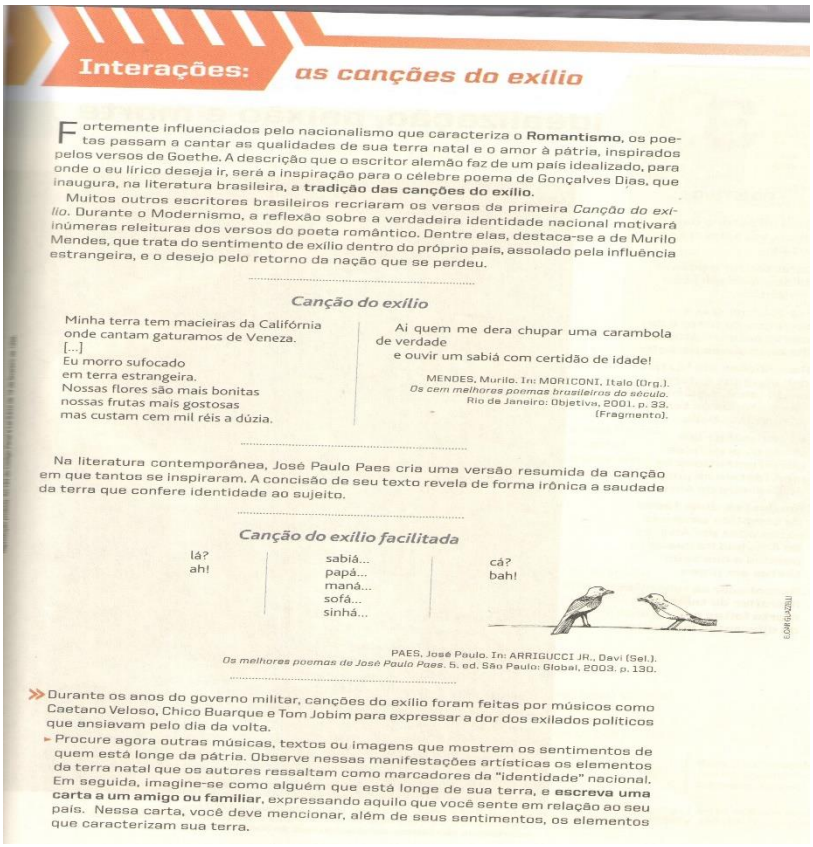
Ao agregarem o ensino de Literatura à disciplina de Língua Portuguesa, fica a cargo do professor a quantidade de aulas que será atribuída a ela. Em muitos contextos escolares as aulas de literatura se resumem em duas por semana, em outros uma aula por semana, muitas vezes o professor acaba por optar em priorizar o ensino de Língua Portuguesa, excluindo as aulas de literatura de seu planejamento anual.

Ocorre, muitas vezes, o descaso com a literatura nos contextos escolares, tornando-se ausente nas salas de aulas. Leahy-Dios (2004) critica a forma como tal ensino ocorre, pois se visa os vestibulares, reduzindo-se o livro didático em estudos de datas, autores, nomes e suas características distanciando-se assim da realidade dos discentes e docentes.

Um fato relevante e interessante apresentado no livro são as canções do exílio, ou seja, as várias recriações a partir da "Canção do exílio" escrita por Gonçalves Dias. As autoras indicam a

possibilidade de pesquisa entre elas músicas, textos ou imagens que demonstre esse mesmo sentimento expresso na poesia. Além da pesquisa, solicita-se aos alunos para escreverem uma carta a um amigo ou familiar, contendo o mesmo teor da temática do poema. Ilustra-se a página a seguir:

Figura 3.



Interações: *as canções do exílio*

Fortemente influenciados pelo nacionalismo que caracteriza o **Romantismo**, os poetas passam a cantar as qualidades de sua terra natal e o amor à pátria, inspirados pelos versos de Goethe. A descrição que o escritor alemão faz de um país idealizado, para onde o eu lírico deseja ir, será a inspiração para o célebre poema de Gonçalves Dias, que inaugura, na literatura brasileira, a **tradição das canções do exílio**.

Muitos outros escritores brasileiros recriaram os versos da primeira *Canção do exílio*. Durante o Modernismo, a reflexão sobre a verdadeira identidade nacional motivará inúmeras releituras dos versos do poeta romântico. Dentre elas, destaca-se a de Murilo Mendes, que trata do sentimento de exílio dentro do próprio país, assolado pela influência estrangeira, e o desejo pelo retorno da nação que se perdeu.

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
[...]
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

MENDES, Murilo. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 33. (Fragmento).

Na literatura contemporânea, José Paulo Paes cria uma versão resumida da canção em que tantos se inspiraram. A concisão de seu texto revela de forma irônica a saudade da terra que confere identidade ao sujeito.

Canção do exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

PAES, José Paulo. In: ARRIGUCCI JR., Davi (Sel.). *Os melhores poemas de José Paulo Paes*. 5. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 130.

» Durante os anos do governo militar, canções do exílio foram feitas por músicos como Caetano Veloso, Chico Buarque e Tom Jobim para expressar a dor dos exilados políticos que ansiavam pelo dia da volta.

- Procure agora outras músicas, textos ou imagens que mostrem os sentimentos de quem está longe da pátria. Observe nessas manifestações artísticas os elementos da terra natal que os autores ressaltam como marcadores da "identidade" nacional. Em seguida, imagine-se como alguém que está longe de sua terra, e **escreva uma carta a um amigo ou familiar**, expressando aquilo que você sente em relação ao seu país. Nessa carta, você deve mencionar, além de seus sentimentos, os elementos que caracterizam sua terra.

Fonte: (LUIZA ABAURRE; BERNADETE ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 18).

Tal procedimento possibilita e indaga a curiosidade do aluno, colocando-o numa situação de pesquisador, procedido de análise crítica diante de determinada temática. Além disso, oferece ao aluno a oportunidade da criação poética e literária, trabalhando procedimentos da escrita agregada a um gênero textual, nesse caso a carta.

Comenta Carvalho (2015, p. 14): "[...] a leitura literária não é uma simples prática escolar, mas um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor em interagir com o autor, procurar e produzir sentidos, vivenciar experiências fantásticas, compreender e decifrar a realidade". O exercício proposto pelas autoras faz com que o aluno se aproxime do texto literário de forma diferenciada, tal procedimento aproxima também o aluno de sua realidade e faz com que perceba que aquilo que está presente no texto literário está tão próxima de sua realidade quanto

imagina. Logo, a leitura literária oferece ao aluno uma ampliação de mundo e uma bagagem cultural suficiente para relacionar-se com o outro e consigo mesmo.

Vale destacar que, os capítulos subsequentes, são apresentados nos mesmos moldes dos capítulos já descritos e comentados, sem muitas modificações metodológicas. Faz-se a apresentação dos objetivos, lança-se uma imagem inicial com alguns questionamentos direcionados, apresentam-se partes de textos históricos sobre o movimento e de obras literárias já consagradas. Os alunos vivenciam em todos os capítulos um processo reprodutor e seletivo, pois as questões direcionadas e o exercícios aplicados acabam por produzir tal efeito. Colabora Zilberman (2010, p. 237):

> No plano da dinâmica em sala de aula, as expectativas do ensino de literatura são também simultaneamente reprodutoras e seletivas; leem-se boas obras, já sacramentadas pela tradição e seus mecanismos de difusão, para que se forme o juízo elevado, aquele que, educado, dará preferência a criações de teor similar às que constituem a antologia, reforçando sua autoridade; e porque consistem em modelos de uso correto das virtualidades da linguagem verbal, cabendo imitá-las, reproduzi-las portanto.

O ensino da literatura não deve se reduzir as questões gramaticais, ou se delimitar a repetições e reproduções. Os capítulos proporcionados para o ensino de literatura seguem em grande parte os mesmos procedimentos, abrindo poucos espaços para a participação mais ativa dos alunos.

Assim, observamos que a literatura ainda é tratada como disciplina complementar ignorada muitas vezes pelos professores e, consequentemente, pelos alunos. O livro didático deve propor atividades que realmente colaboram na formação do aluno e para o incentivo da leitura literária, pois o conhecimento das obras e as discussões acerca delas são fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca do ensino de literatura proporcionaram esclarecimentos de o quanto o contato com a literatura contribui na formação do aluno. A leitura literária amplia a visão de mundo do aluno, aguça a criticidade, colocando-o como ser questionador e participante do meio em que vive.

Vários foram os teóricos que contribuíram na conceituação da literatura, visualizando-a como instrumento essencial na sociedade. Além disso, de sua importância no contexto escolar como ferramenta pedagógica contribuidora no processo de ensino e aprendizagem, desde que usada de forma dinâmica.

Em relação a análise do livro didático apesar de sua importância, o livro analisado não demonstrou sua eficácia diante das discussões que os teóricos levantam sobre a importância do texto literário e de sua formação. As atividades para os alunos são reducionistas e repetitivas sem apresentar um quadro significativo para o letramento literário e a formação crítica do aluno.

É importante destacar o que já foi suscitado sobre a ausência do ensino de literatura na escola, sendo reduzida a poucas aulas e muitas vezes ausentes, por se encontra agregada a disciplina de Língua Portuguesa.

Portanto, apesar das mais diversas discussões sobre a importância do ensino de literatura na escola, ainda fica a desejar a sua presença no contexto escolar. O descaso com esse ensino tão importante ainda é evidente, por isso esse trabalho é uma pesquisa inicial que precisa ser aprofundada e refletidas pelos professores em atuação e futuros professores de letras.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e sociedade**. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 6, n. 1, p.6-21 , jan/jun. 2015.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura:** uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. – São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** – São Paulo: Contexto, 2017.

DALVI, Maria Amélia. **Leitura de literatura na escola.** – São Paulo: Parábola, 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A leitura é uma atividade dinâmica. In: GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Língua e literatura:** Machado de Assis em sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola.** – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária.** – São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCN. Linguagens, códigos e suas tecnologias /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário.** – São Paulo: Contexto, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Série Literatura em Foco. – São Paulo, 2010.